

A educação em saúde como estratégia de prevenção, diagnóstico e tratamento das infecções do trato urinário, na comunidade interna do Câmpus Águas Lindas do instituto Federal de Goiás

Health education as a strategy for the prevention, diagnosis and treatment of urinary tract infections, in the internal community of the Águas Lindas Campus of the Federal Institute of Goiás

DOI:10.34117/bjdv6n7-113

Recebimento dos originais:08/06/2020

Aceitação para publicação:06/07/2020

Hélio de Souza Júnior

Biomédico Especialista em Epidemiologia e Saúde pela Universidade Federal de Goiás
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Águas Lindas
Endereço:Rua 21, Área Especial 4, Jardim Querência, Águas Lindas de Goiás, GO, Brasil
CEP: 72910-733
E-mail: helio.junior@ifg.edu.br

Kélvia Donato da Silva

Enfermeira Especialista em Epidemiologia e Saúde pela Universidade Federal de Goiás
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Águas Lindas
Endereço:Rua 21, Área Especial 4, Jardim Querência, Águas Lindas de Goiás, GO, Brasil
CEP: 72910-733
E-mail: enfermeirakelvia@gmail.com

Fernando Agostinho da Silva Neto

Técnico em Análises Clínicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás –
Câmpus Águas Lindas
Endereço:Rua 21, Área Especial 4, Jardim Querência, Águas Lindas de Goiás, GO, Brasil
CEP: 72910-733
E-mail: fedaneto@gmail.com

Anna Clara de Aguiar Rodrigues

Técnica em Análises Clínicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás –
Câmpus Águas Lindas
Endereço:Rua 21, Área Especial 4, Jardim Querência, Águas Lindas de Goiás, GO, Brasil
CEP: 72910-733
E-mail: annaclaraguiar@gmail.com

RESUMO

As infecções do trato urinário (ITUs) decorrem da invasão e multiplicação de microrganismo, nos tecidos do trato urinário, compreendendo desde a uretra até os rins. As ITUs podem resultar em diversos problemas, principalmente em lactentes, gestantes e idosos, podendo resultar desde infecções assintomáticas, até levar o indivíduo à óbito. Conhecer o nível de conhecimento da comunidade interna do Câmpus Águas Lindas do IFG sobre as ITUs. Um questionário estruturado foi utilizado como instrumento de coleta dos dados. A aplicação do questionário ocorreu entre os

meses de março e junho de 2019. Ao todo, tivemos 153 participantes. 90,8% afirmaram ser alunos e 9,2% servidores. 82,4% afirmaram ser do sexo feminino e 17,6% do sexo masculino. 53,7% afirmaram que vivem com 1 ou 2 salários mínimos. 70% dos participantes sabem o que são ITUs. 67,3% dos participantes sabem os sintomas das ITUs. 94,4% dos participantes afirmam que as crianças podem ter ITUs. 81,4% dos participantes responderam que o sexo feminino é o mais suscetível às ITUs. Aproximadamente 93% dos participantes acreditam que as gestantes podem ter complicações de saúde se estiverem com ITU. 77,1% afirmaram que sabem como devem coletar a amostra. 40,8% dos participantes afirmaram que já se automedicaram. 94,4% dos participantes afirmaram que a automedicação pode ocasionar problemas de saúde. Acredita-se que essa pesquisa contribui para o entendimento dessas infecções, sobretudo no ambiente escolar, e que poderá levar a novas discussões teórico-metodológicas internas e externas à instituição, sobretudo em relação à prevenção, diagnóstico e tratamento dessas infecções, entretanto, reconhecemos que as análises feitas neste trabalho representam o ponto de partida para futuras pesquisas científicas, projetos de ensino e/ou extensão.

Palavras-chave: Infecções Urinárias, Prevalência, Educação em Saúde.

ABSTRACT

Urinary tract infections (UTIs) result from the invasion and multiplication of microorganisms in the tissues of the urinary tract, comprising from the urethra to the kidneys. UTIs can result in several problems, mainly in infants, pregnant women and the elderly, which can result from asymptomatic infections, even leading the individual to death. Know the level of knowledge of the internal community of the IFG's Águas Lindas Campus about ITUs. A structured questionnaire was used as an instrument for data collection. The questionnaire was applied between March and June 2019. In total, we had 153 participants. 90.8% said they were students and 9.2% were civil servants. 82.4% said they were female and 17.6% male. 53.7% stated that they live on 1 or 2 minimum wages. 70% of participants know what ITUs are. 67.3% of participants know the symptoms of UTIs. 94.4% of participants say that children can have UTIs. 81.4% of the participants answered that females are the most susceptible to UTIs. Approximately 93% of participants believe that pregnant women may experience health complications if they have UTI. 77.1% stated that they know how to collect the sample. 40.8% of the participants stated that they have already self-medicated. 94.4% of the participants stated that self-medication can cause health problems. It is believed that this research contributes to the understanding of these infections, especially in the school environment, and that it may lead to new theoretical and methodological discussions internal and external to the institution, especially in relation to the prevention, diagnosis and treatment of these infections, however, we recognize that the analyzes made in this work represent the starting point for future scientific research, teaching and / or extension projects.

Keywords: Urinary Infections, Prevalence, Health Education.

1 INTRODUÇÃO

O trato urinário está entre as regiões do corpo humano que mais apresentam infecções bacterianas, afetando mais de 150 milhões de pessoas, de todos os grupos etários, em todo o mundo (LACERDA et al., 2015; MCLELLAN, HUNSTAD, 2016). As infecções do trato urinário (ITUs) decorrem da invasão e multiplicação de microrganismo, nos tecidos do trato urinário, compreendendo desde a uretra até os rins (NAJAR, SALDANHA, BANDAY, 2009; FOXMAN,

2014). Essas infecções podem ocorrer de forma assintomática ou sintomática e são classificadas normalmente de duas formas: as cistites, também definidas como ITUs inferior, caracterizada quando a infecção ocorre na bexiga e as pielonefrites, também definidas como ITUs superior, caracterizada quando a infecção ocorre nos rins, situação que requer hospitalização devido aos danos que esse órgão pode sofrer (RAMOS et al., 2016; CHU & LOWDER, 2018).

Tanto os homens quanto as mulheres podem ser infectados e, conseqüentemente, desenvolverem a doença. Entretanto, as ITUs são mais predominantes no sexo feminino, atingindo mais de 50% das mulheres durante toda a vida e se devem, principalmente, a episódios prévios de cistite, o ato sexual, o uso de géis espermicidas, a gestação, o diabetes e a higiene deficiente, sendo mais frequente em pacientes com baixa imunidade, piores condições socioeconômicas e em situações de obesidade. Além disso, por questões anatômicas, pelo fato da uretra feminina ser mais curta que a dos homens e por apresentar maior proximidade com o ânus, propicia um maior contato com bactérias que partem do intestino grosso, o que favorece a proliferação bacteriana (LOPES & TAVARES, 2005; LACERDA et al., 2015; HEIN, BORTOLI, MASSAFERA, 2016; MCLELLAN, HUNSTAD, 2016; RAMOS et al., 2016; ZAGAJEWSKA & NOWICKI, 2017; CHU & LOWDER, 2018).

A cistite, quando sintomática, exterioriza-se clinicamente pela presença habitual de disúria, urgência miccional, polaciúria, nictúria e dor suprapúbica. Nos casos de pielonefrite, normalmente os indivíduos apresentam calafrios, febre e dor no flanco (FOXMAN, 2014; ZAGAJEWSKA & NOWICKI, 2017).

Para fins de diagnóstico e de um melhor tratamento, o médico deve solicitar a análise da urina (urinálise), assim como a cultura de urina e o antibiograma. Esses exames investigam a presença de piúria, hematúria, bacteriúria e de nitrito na urina, bem como a identificação bacteriana e o perfil de resistência aos antimicrobianos.

Quanto aos microrganismos, estima-se que mais de 75% das ITUs sejam em decorrência da contaminação por *Escherichia coli*, seguida de espécies de *Klebsiella*, *Streptococcus*, *Staphylococcus*, e em alguns casos, *Enterobacter sp*, *Enterococcus faecalis* e o *Proteus mirabilis* (PEZZLO, 2014; HEIN, BORTOLI, MASSAFERA, 2016; MCLELLAN, HUNSTAD, 2016).

Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa foi investigar o nível de conhecimento, bem como a prevalência das ITUs entre os alunos e servidores do Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Goiás (IFG). Também foi proposto atividades educacionais que pudessem esclarecer as dúvidas referentes ao tema e assim, sensibilizar os discentes e servidores sobre a importância da prevenção, do diagnóstico e do tratamento adequado dessas infecções.

2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Essa pesquisa trata-se de um estudo do tipo descritivo transversal, que foi realizado por alunos do Câmpus Águas Lindas do IFG. A população estudada é composta pelos alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio em período integral (Análises Clínicas, Meio Ambiente e Vigilância em Saúde), dos alunos do curso técnico de enfermagem integrado ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA) e pelos servidores professores e técnicos administrativos do Câmpus Águas Lindas do IFG. Apresentamos, na sequência, as fases que possibilitaram a execução da pesquisa. As etapas foram realizadas de forma concomitante ou não.

A primeira fase é representada pela revisão da literatura. Nessa etapa, foi realizado um profundo levantamento bibliográfico em artigos científicos que abordam a problemática das ITUs e que foram publicados na língua portuguesa e inglesa, disponíveis, na íntegra, nas bases de dados *on-line PubMed, ScienceDirect e SciELO*.

A elaboração do questionário, assim como, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), correspondem à segunda fase desse trabalho e foi produzido pela equipe da pesquisa, baseado no levantamento bibliográfico realizado.

Em seguida, na terceira fase, foi realizada a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (CEP/IFG), sendo aprovado pelo CEP/IFG sob o número do parecer 3.022.581.

A aplicação dos termos e do questionário correspondem à quarta fase da pesquisa e foram aplicados entre os meses de março e junho de 2019. A aplicação do questionário para os alunos aconteceu durante o horário de aula. Os alunos maiores de idade, após a assinatura do TCLE, responderam o questionário, entretanto para os alunos menores de idade, somente após a assinatura dos pais no TCLE e da assinatura dos menores no TALE, é que os alunos menores de idade puderam responder o questionário. Para os servidores do Câmpus, foi agendado um horário individual, para a apresentação e explicação do projeto de pesquisa, bem como a apresentação do TCLE e a aplicação do questionário. Ao todo, tivemos 153 participantes entre alunos e servidores do Câmpus Águas Lindas do IFG. Alguns alunos e servidores se negaram a participar do estudo, além disso, alguns alunos e/ou seus responsáveis também deixaram de assinar os termos e por isso não foram incluídos na pesquisa. Vale destacar que não desconsideramos a importância do rigor metodológico e de se delimitar a amostra de acordo com o universo pesquisado. Todavia, entendemos que esse número de participantes possibilitou um entendimento da realidade estudada. Porém, ressaltamos que reconhecemos as limitações desse recorte e, devido a isso, as reflexões foram realizadas de acordo

com o universo pesquisado, uma vez que sabemos do risco de se cometer equívocos a partir de generalizações.

Na quinta fase da pesquisa, após a aplicação dos questionários, os dados foram tabulados e analisados com o apoio da literatura científica. Nessa etapa, os dados foram inseridos no software EXCEL® (MICROSOFT, 2016) e posteriormente analisados pelo teste de Qui-quadrado para verificar a existência de relação de dependência entre as variáveis pesquisadas. Além disso, também foi realizada a caracterização dos voluntários de acordo com às questões socioeconômicas. O nível de significância estabelecido foi de 5%. A partir dos resultados obtidos pelo questionário, foi possível compreender o panorama do nível de conhecimento da comunidade interna do Câmpus Águas Lindas do IFG, em relação as ITUs, assim como os fatores associados à essas infecções.

Por fim, a sexta etapa aconteceu após a análise dos resultados, onde foram definidas estratégias específicas de abordagem das atividades educativas para os discentes do período integral, para os discentes da EJA e para os servidores do Câmpus.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta as características dos participantes da pesquisa. Em relação ao sexo dos participantes, 82,4% afirmaram ser do sexo feminino e 17,6% do sexo masculino.

Sobre a composição dos participantes, 90,8% afirmaram ser alunos e 9,2% servidores. Sobre a escolaridade, 71,1% dos participantes afirmaram ter o ensino fundamental, 19,7% afirmaram já ter o ensino médio e 9,2%, o ensino superior. Sobre os quase 20% dos participantes que afirmaram ter o ensino médio, destacamos que são alunos que estão fazendo o curso técnico em enfermagem na modalidade de jovens e adultos, uma vez que, a já conclusão do ensino médio não é um fator de impedimento desses alunos para o curso. Já os participantes que afirmaram ter o curso superior são todos servidores do Câmpus.

Quando perguntados sobre a cor ou raça, 56,2% dos participantes responderam que se consideravam pardos, 22,2% se consideravam pretos, 17% se consideravam brancos, 3,3% se consideravam amarelos e 1,3% se consideravam indígenas.

Sobre a faixa etária dos participantes, 35,8% estão entre os 35 a 44 anos, 29,9% estão entre 15 e 24 anos, 27,7% estão entre os 25 a 34 anos, 4,4% estão entre os 45 e 54 anos e 2,2% dos participantes estão ente os 55 e 64 anos.

Quando questionados sobre o estado civil, 47,4% afirmaram estar solteiros(as), 40,1% afirmaram estar casados(as), 0,7% afirmaram ser viúvos(as), 3,9% afirmaram ser separados(as) e 7,9% afirmaram estar em outra situação de estado civil (namoro ou união estável).

Em relação a renda, 40,8% dos participantes da pesquisa afirmaram que a renda da família é composta por 2 salários mínimos, 29,9% afirmaram que a renda da família é composta por 3 salários mínimos, 16,4% afirmaram que a renda da família é composta por 4 ou mais salários mínimos e 12,9% afirmaram que a renda da família é constituída por 1 salário mínimo. Quando analisamos a renda, percebemos que mais da metade dos participantes da pesquisa (53,7%) vivem com 1 ou 2 salários mínimos.

Perguntados sobre a quantidade de pessoas que viviam na mesma residência (incluindo o participante da pesquisa), 32,9% responderam que viviam 5 pessoas ou mais na mesma residência, 28,2% responderam que viviam 4 pessoas, 20,1% responderam que viviam 3 pessoas, 15,4% responderam que viviam 2 pessoas e 3,4% afirmaram que viviam sozinhos. Quando analisamos a composição familiar, percebemos que mais de 60% dos participantes convivem com 4 ou mais pessoas na mesma residência.

Tabela 1: Características dos participantes da pesquisa. Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Goiás, 2019.

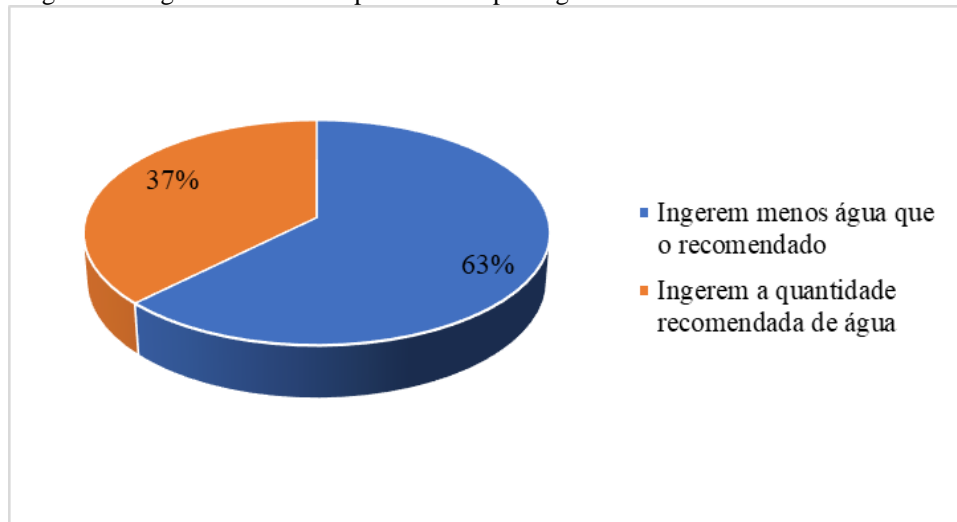
Variáveis	N	%
** Sexo		
Feminino	126	82,4
Masculino	27	17,6
** Segmento escolar		
Aluno	139	90,8
Servidor	14	9,2
** Escolaridade		
Fundamental	108	71,1
Médio	30	19,7
Superior	14	9,2
** Cor ou Raça		
Branca	26	17
Preta	34	22,2
Parda	86	56,2
Amarela	5	3,3
Indígena	2	1,3
** Faixa Etária (anos)		
15 a 24	41	29,9
25 a 34	38	27,7
35 a 44	49	35,8
45 a 54	6	4,4
55 a 64	3	2,2
** Estado civil		
Solteiro(a)	72	47,4
Casado(a)	61	40,1
Viúvo(a)	1	0,7
Separado(a)	6	3,9
Outros	12	7,9
** Renda		
1 salário mínimo*	19	12,9
2 salários mínimos	60	40,8
3 salários mínimos	44	29,9

4 ou mais salários mínimos	24	16,4
** Quantas pessoas residem em sua casa?		
Moro sozinho	5	3,4
2 pessoas	23	15,4
3 pessoas	30	20,1
4 pessoas	42	28,2
5 pessoas ou mais	49	32,9

* Salário mínimo de R\$ 998,00. ** $P < 0,05$ pelo teste de Qui-quadrado.

Quando perguntados se a quantidade de água que os participantes ingerem está de acordo com as recomendações da Organização Mundial da Saúde (Gráfico 1), 63% afirmaram que ingerem menos que a quantidade recomendada de água por dia e 37% afirmaram que ingerem a quantidade recomendada de água por dia. De acordo com a orientação do Ministério da Saúde, enquanto atletas de altíssimo rendimento devem ingerir de 8 a 10 litros de água por dia, as pessoas sedentárias devem ingerir, em média de 2,5 a 3 litros de água por dia (BRASIL, 2018).

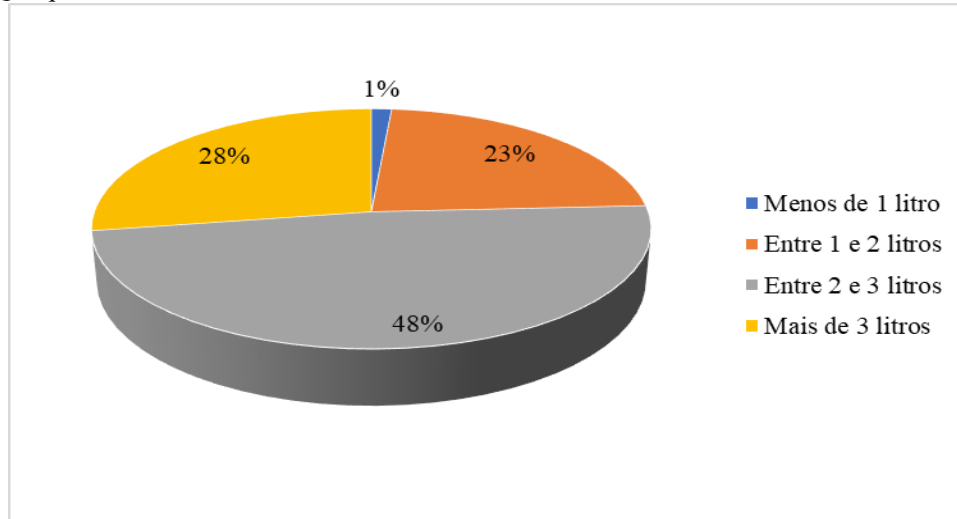
Gráfico 1: Ingestão de água recomendada por dia. Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Goiás, 2019.



Quando perguntados sobre a quantidade de água que os participantes ingerem, (Gráfico 2), 48% afirmaram que ingerem mais de 3 litros de água por dia, 28% afirmam que ingerem entre 2 e 3 litros de água por dia, 23% afirmam que ingerem entre 1 e 2 litros de água por dia e somente 1% dos participantes afirmam ingerir menos de 1 litro de água por dia. Avaliando esses dados com os dados do Gráfico 1, podemos perceber que a maioria dos participantes (63%) afirmam ingerir menos água que o recomendado, entretanto, 76% dos participantes afirmam ingerir 2 ou mais litros de água, o que pode significar um desconhecimento sobre a quantidade de água que é recomendada. A quantidade de água ingerida, além de diversas outras funções fisiológicas no corpo humano, resulta

em uma maior quantidade de urina produzida, que conseqüentemente ajuda na limpeza do canal uretral, ajudando na prevenção de ITUs.

Gráfico 2: Quantidade de água ingerida por dia. Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Goiás, 2019. * $P < 0,05$ pelo teste de Qui-quadrado.



A Tabela 2 mostra o nível de conhecimento dos participantes em relação às ITUs.

Quando perguntados se os participantes da pesquisa sabiam o que eram ITUs, 102 pessoas (70%) afirmaram que sabiam, enquanto que 44 pessoas (30%) afirmaram que não sabiam. Em relação aos sintomas, 99 participantes (67,3%) responderam que sabiam os sintomas das ITUs, enquanto 48 participantes (32,7%) responderam que não sabiam quais eram os sintomas das ITUs. De acordo com as essas duas questões, podemos inferir que os participantes da pesquisa sabem reconhecer, de acordo com os sintomas, quando eles ou outras pessoas estão com alguma ITU.

Quando perguntados se já haviam tido alguma ITU, os resultados mostraram que não houve diferença significativa entre as respostas, visto que 51,4% dos participantes da pesquisa informaram que sim, já tiveram alguma ITU, enquanto que 48,6% dos participantes informaram que não, nunca tiveram ITU.

Sobre crianças poderem ter ITU, praticamente todos os participantes da pesquisa (94,4%) informaram que sim, elas podem ter. Segundo Simões e Silva e Oliveira (2015), a ITU é a infecção bacteriana mais comum na infância, entretanto pode apresentar sinais e sintomas inespecíficos, o que pode dificultar o diagnóstico. Diversos fatores contribuem para essas infecções na infância, como a idade da criança e a localização da infecção, assim como a situação nutricional, a presença de anormalidades anatômicas do trato urinário e o número de infecções anteriores. Como na maioria das infecções, nos neonatos, há alta probabilidade de mortalidade, em torno de 10%, em decorrência

da disseminação da infecção pelo sangue, para outros lugares, podendo resultar, por exemplo, em casos de meningite. Por isso, é de suma importância o diagnóstico precoce das ITUs, sobretudo nos neonatos (SIMÕES E SILVA, OLIVEIRA, 2015).

Quando perguntado qual dos sexos é mais suscetível às ITUs, 81,4% dos participantes da pesquisa responderam que o sexo feminino é o mais suscetível, seguindo de 15,2% que responderam que ambos os sexos apresentam a mesma probabilidade de infecção e, 3,4% responderam que os homens são mais suscetíveis às ITUs. Esse resultado está de acordo com a literatura, visto que mais de 50% das mulheres são atingidas durante toda a vida por essas infecções (LOPES & TAVARES, 2005; LACERDA et al., 2015; HEIN, BORTOLI, MASSAFERA, 2016; MCLELLAN, HUNSTAD, 2016; RAMOS et al., 2016; ZAGAJEWSKA & NOWICKI, 2017; CHU & LOWDER, 2018).

Em relação a anatomia do sistema urinário, 82,7% dos participantes responderam que há diferenças no sistema urinário de homens e mulheres, enquanto que 17,3% dos participantes acreditam que não há diferença. Anatomicamente, a uretra feminina é menor que a uretra masculina, além da maior proximidade da uretra feminina com ânus. Essas diferenças contribuem para que as mulheres tenham mais ITUs que os homens (PANCOTTO, VON AMELN LOVISON, CATTANI, 2019).

Quando perguntado se as gestantes que apresentam ITU podem ter algum problema de saúde, 92,9% dos participantes responderam que sim, enquanto que 7,1% dos participantes responderam que não. Esse resultado também está de acordo com a literatura, uma vez que a bacteriúria nas gestantes podem resultar em complicações maternas como a pielonefrite, pré-eclâmpsia, endometrite e choque séptico e, em complicações perinatais como parto prematuro, recém-nascidos de baixo peso, paralisia cerebral e até mesmo óbito perinatal (CHU & LOWDER, 2018; PANCOTTO, VON AMELN LOVISON, CATTANI, 2019).

Em relação a coleta da urina para o exame de urinálise, 77,1% afirmaram que sabem como devem proceder para uma coleta correta da amostra, enquanto que 22,9% afirmam que não sabem. Entretanto, quando se analisa a próxima questão, referente ao conhecimento dos participantes sobre o que é cultura de urina, 47,9% dos participantes afirmam que sabem o que é esse exame e 52,1% afirmam que não sabem sobre do que se trata esse exame. Sobre essas duas questões é importante destacar que a urocultura é fundamental para o diagnóstico correto do microrganismo causador da ITU, assim como é indispensável para o antibiograma (exame que verifica o perfil de suscetibilidade do microrganismo aos antimicrobianos), por isso, é de suma importância que seja esclarecido para a população a importância da coleta adequada de urina tanto para o exame de Elementos Anormais do Sedimento (EAS), que os participantes da pesquisa afirmam conhecer a forma correta de coleta,

tanto para o exame de cultura da urina, que mais da metade dos participantes afirmaram desconhecer o exame.

Em relação a automedicação, 40,8% dos participantes afirmaram que já se automedicaram para o tratamento de uma ITU, enquanto que 59,2% afirmaram que nunca se automedicaram para o tratamento de uma ITU. Quando perguntado se a automedicação pode ocasionar algum problema, 94,4% dos participantes afirmaram que sim, enquanto que 5,6% afirmaram que não. Arrais e colaboradores (2016) concluíram em um estudo sobre a prevalência da automedicação no Brasil que, esta é uma prática corrente no país e envolve, principalmente, o uso de medicamentos isentos de prescrição, mas que não são isentos de riscos, como os anti-inflamatórios não esteroides (AINES) (ARRAIS et al., 2016). Ambas as questões tiveram diferenças significativas nas respostas, entretanto é importante destacar que mesmo que a grande maioria dos participantes saibam que a automedicação pode ocasionar problemas de saúde, uma boa parte dos participantes afirmaram que já se automedicaram para tratar uma ITU. Em uma recente pesquisa de ITUs em pessoas com deficiência física, foi constatado que mais de 85% dos participantes se automedicaram para o tratamento dessas infecções (SILVA & BUENO, 2020). A automedicação para o tratamento de ITU se contrasta com as orientações da Resolução RDC 44, de 26 de outubro de 2010, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, que estabelece que os antimicrobianos não devem ser vendidos sem receita médica (BRASIL, 2010). O consumo desses medicamentos, pode estar relacionado com a venda, pelas farmácias, de medicamentos sem a prescrição médica. Por isso é fundamental a fiscalização das farmácias, bem como a orientação das pessoas para que elas não se automediquem, e possam usar os medicamentos racionalmente, sobretudo os antimicrobianos, que quando não usados corretamente contribuem para a seleção de microrganismos resistentes ao tratamento.

Tabela 2: Nível de conhecimento dos participantes da pesquisa em relação as ITUs. Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Goiás, 2019.

Variáveis	N	%
* Sabe o que são ITUs?		
Sim	102	69,9
Não	44	30,1
* Sabe quais são os sintomas das ITUs?		
Sim	99	67,3
Não	48	32,7
Já teve uma ITU?		
Sim	74	51,4
Não	70	48,6
* Crianças podem ter ITUs?		
Sim	136	94,4
Não	8	5,6
* Qual sexo é mais suscetível às ITUs?		
Feminino	118	81,4

Masculino	5	3,4
Ambos	22	15,2
* Em relação à anatomia do sistema urinário, homens e mulheres são iguais?		
Sim	24	17,3
Não	115	82,7
* Gestantes que apresentam ITU podem ter algum problema?		
Sim	130	92,9
Não	10	7,1
* Sabe como deve ser realizada a coleta para o exame de urinálise?		
Sim	111	77,1
Não	33	22,9
Sabe o que é cultura de urina?		
Sim	68	47,9
Não	74	52,1
* Já se automedicou ao pensar que estava com uma ITU?		
Sim	58	40,8
Não	84	59,2
* A automedicação pode ocasionar algum problema?		
Sim	134	94,4
Não	8	5,6

* P<0,05 pelo teste de Qui-quadrado

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos na pesquisa, foi possível identificar que os participantes da pesquisa foram predominantemente do sexo feminino, eram alunos, tinham o ensino fundamental e renda familiar composta por até 2 salários mínimos.

Além disso, a maioria dos participantes afirmam que ingerem menos água que o recomendado, entretanto, a maioria dos participantes afirmam que ingerem 2 ou mais litros de água, o que pode significar um desconhecimento sobre a quantidade de água que é recomendada, sobretudo para a prevenção de ITUs. A quantidade de água ingerida, além de diversas outras funções fisiológicas no corpo humano, resulta em uma maior quantidade de urina produzida, que consequentemente ajuda na limpeza do canal uretral, ajudando na prevenção de ITUs.

Sobre o nível de conhecimento dos participantes sobre as infecções urinárias, foi possível verificar que os participantes sabem o que são as ITUs e sabem reconhecer seus sinais e sintomas. Além disso, aproximadamente a metade dos participantes afirmaram que já tiveram ITUs.

Destaca-se também que os participantes da pesquisa afirmaram saber que as crianças podem ter essas infecções, além de que, as gestantes podem apresentar complicações de saúde, caso tenham ITUs.

Ademais, os participantes da pesquisa reconheceram que a anatomia do trato urinário masculino é diferente do trato urinário feminino e que as mulheres são mais suscetíveis às ITUs.

Em relação à coleta de amostras, mesmo que os participantes tenham afirmado conhecer a forma correta de coleta da amostra de urina para o EAS, é importante esclarecer a população da forma correta de coleta para o exame de cultura de urina, bem como sua importância para o melhor diagnóstico e tratamento dessas infecções.

Cumprido ressaltar que, a automedicação foi acertadamente apontada pela maioria dos participantes como ocasionadora de problemas de saúde, entretanto houve uma quantidade considerável de participantes que reconheceram que já se automedicaram. A automedicação é um problema de saúde pública brasileira, pois mesmo que a população faça o uso de medicamentos livres de prescrição médica, esses medicamentos não são isentos de riscos para a saúde humana, pois as possíveis intoxicações e efeitos adversos podem aumentar os gastos com a saúde.

No que se refere à relevância social dessa pesquisa, acredita-se que as palestras educativas realizadas para a comunidade interna a partir da investigação sobre o nível de conhecimento sobre as ITUs, possam ter reduzido, ou mesmo eliminado, as dúvidas sobre o tema, além de sensibilizar os alunos e servidores sobre as medidas profiláticas, de diagnóstico e de tratamento dessas infecções. Acredita-se também que, essas pessoas possam, a partir das palestras, agir como multiplicadores do conhecimento, com seus amigos e familiares, para que dessa maneira haja redução dos agravos recorrentes das ITUs, além da redução dos custos públicos e particulares com consultas, exames e medicamentos.

Em relação à relevância científica, acredita-se que essa pesquisa contribuiu para o entendimento dessas infecções, sobretudo no ambiente escolar, e que poderá levar a novas discussões teórico-metodológicas internas e externas à instituição, sobretudo em relação à prevenção, diagnóstico e tratamento dessas infecções, entretanto, reconhecemos que as análises feitas neste trabalho representam o ponto de partida para futuras pesquisas científicas, projetos de ensino e/ou extensão.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, P. S. D.; FERNANDES, M. E. P.; DAL PIZZOL, T. S.; RAMOS, L. R.; MENGUE, S. S.; LUIZA, V. L.; TAVARES, N. U. L.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A.; BERTOLDI, A. D. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.50, s.2, p. 1-11, 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. Resolução – RDC nº 44, de 26 de outubro de 2010. Dispõe sobre o controle de medicamentos à base de substâncias classificadas como antimicrobianos, de uso sob prescrição médica, isoladas ou em associação e dá outras providências. Presidente da ANVISA: Dirceu Raposo de Mello, out, 2010.

BRASIL, Ministério da Saúde. Blog da Saúde: Promoção da Saúde – Beber mais água é uma ótima meta para o novo ano, 2018. Disponível em: <<http://www.blog.saude.gov.br/index.php/promocao-da-saude/52178-beber-mais-agua>>, acesso em 27 de jun de 2019.

CHU, C. M.; LOWDER, J. L. Diagnosis and treatment of urinary tract infections across age groups. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, St. Louis, v. 219, n. 1, p. 40-51, 2018.

DETWEILER, K.; MAYERS, D.; FLETCHER, S.G.; Bacteruria and Urinary Tract Infections in the Elderly. **Urologic Clinics of North America**, Philadelphia, v. 42, n. 4, p. 561-568, 2015.

FOXMAN, B. Urinary Tract Infection Syndromes Occurrence, Recurrence, Bacteriology, Risk Factors, and Disease Burden. **Infectious Disease Clinics of North America**, Philadelphia, v. 28, n. 1, p. 1-13, 2014.

HEIN, S.; BORTOLI, C.F.C.; MASSAFERA, G.L. Fatores relacionados à infecção de trato urinário na gestação: revisão integrativa. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 83-91, 2016.

LACERDA, W. C.; VALE, J. S.; LACERDA, W. C.; CARDOSO, J. L. M. S. Infecção Urinária em Mulheres: Revisão da Literatura. **Saúde em Foco**, n.7, p. 282-295, 2015.

LO, D. S.; RODRIGUES, L.; KOCH, V. H. K.; GILIO, A. E. Aspectos clínicos e laboratoriais da infecção do trato urinário em lactentes jovens. **Brazilian Journal of Nephrology**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 66-72, 2018.

LOPES, H. V.; TAVARES, W. Diagnóstico das infecções do trato urinário. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 51, n. 6, p. 306-308, 2005.

MCLELLAN, L. K.; HUNSTAD, D. A. Urinary Tract Infection: Pathogenesis and Outlook. **Trends in Molecular Medicine**, Oxford, v. 22, n. 11, p. 946-957, 2016.

MELO, L. S.; ERCOLE, F. F.; OLIVEIRA, D. U.; PINTO, T. S.; VICTORIANO, M. A.; ALCOFORADO, C. L. G. C. Infecção do trato urinário: uma coorte de idosos com incontinência urinária. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 4, p.873-880, 2017.

MICROSOFT. **Excel - Microsoft Office 2016**, 2016.

NAJAR, M. S.; SALDANHA, C. L.; BANDAY, K. A. Approach to urinary tract infections. **Indian Journal of Nephrology**, Chandigarh, v. 19, n. 4, p. 129-139, 2009.

PANCOTTO, C.; VON AMELN LOVISON, O.; CATTANI, F. Resistance profile and prevalence of isolated pathogens from urine cultures of pregnant women attended in a clinical analysis laboratory in the Veranópolis city, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 29-33, 2019.

PEZZLO, M. Laboratory Diagnosis of Urinary Tract Infections: Guidelines, Challenges, and Innovations. **Clinical Microbiology Newsletter**, New York, v. 36, n. 12, p. 87-93, 2014.

RAMOS, G. C.; LAURENTINO, A. P.; FOCHESSATTO, S.; FRANCISQUETTI, F. A.; RODRIGUES, A. D. Prevalência de Infecção do Trato Urinário em Gestantes em uma Cidade no Sul do Brasil. **Saúde**, Santa Maria, v. 42, n. 1, p. 173-178, 2016.

SILVA, M. B. F.; BUENO, R. G. P. C. Perfil de uroanálise de pacientes com deficiência física em Imperatriz-MA. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 2, p. 8843-8871, 2020.

SIMÕES E SILVA, A. C.; OLIVEIRA, E. A. Update on the approach of urinary tract infection in childhood. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 91, n. 6, s.1, p. 2-10, 2015.

VETTORE, M. V.; DIAS, M.; VETTORE, M. V.; LEAL, M. C. Avaliação do manejo da infecção urinária no pré-natal em gestantes do Sistema Único de Saúde no município do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 16, n. 2, p.338-351, 2013.

ZAGAJEWSKA, A. M.; NOWICKI, M. New markers of urinary tract infection. **Clinica Chimica Acta**, Amsterdam, v. 471, p. 286-291, 2017.